



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1379

Para uma Nova História da Igreja na América Latina nos anos 1970: uma análise da construção do conceito de *romanização do catolicismo* na Revista Eclesiástica Brasileira

Maurício de Aquino

Doutor em História pela UNESP/Assis

Professor Adjunto da Universidade Estadual do Norte do Paraná

mauriaquino12@uenp.edu.br

Resumo: Este texto discute alguns aspectos da chamada Nova História da Igreja na América Latina que despontou com a criação da Comisión para el Estudio de la Historia de la Iglesia en Latino América (CEHILA), no ano de 1973, na cidade de Quito, Equador, no contexto de consolidação da Teologia da Libertação em face da qual essa Nova História da Igreja se apresenta, duplamente, como fundamento e expressão. No Brasil, o grupo CEHILA foi coordenado por Eduardo Hoornaert que liderou a produção de ensaios e artigos publicados na Revista Eclesiástica Brasileira (REB), então sob a chefia editorial do frei Leonardo Boff que um ano antes, em 1972, havia publicado um dos livros-chave da Teologia da Libertação: *Jesus Cristo Libertador: ensaio de Cristologia crítica para nosso tempo*. Partindo dessas considerações este texto apresenta, problematiza e demonstra as relações entre a Teologia da Libertação e a História Renovada da Igreja produzida pelo grupo CEHILA mediada pelos artigos publicados na REB, delimitados ao conceito de *romanização* do catolicismo brasileiro – uma das noções centrais da produção historiográfica CEHILA com importante repercussão nacional e internacional. O trabalho encerra-se com algumas reflexões sobre o papel social, intelectual, teológico e político da REB nos anos 1970 e início dos anos 1980, bem como com uma caracterização da Nova História da Igreja produzida nesse contexto desde o conceito de *romanização* do catolicismo brasileiro e de suas relações com a Teologia da Libertação.

Palavras-chave: História da Igreja; América Latina; Romanização; Revista Eclesiástica Brasileira.

1. Considerações iniciais

Nos anos 1970 a Revista Eclesiástica Brasileira (REB), sob a chefia editorial do então frei Leonardo Boff, foi responsável pela proposição e divulgação de novas perspectivas sobre a história da Igreja Católica na América Latina, no contexto da Teologia da Libertação, por meio das ações e

articulações da CEHILA – *Comisión para el Estudio de la Historia de la Iglesia en Latino América* – criada em 1973, no Equador, representada no Brasil por Eduardo Hoornaert.

O grupo CEHILA-Brasil foi responsável pela publicação de uma considerável produção na forma de artigos, capítulos de livro e livros que visaram revisitar temas clássicos e também propor novos objetos e abordagens da história eclesiástica católica e, mesmo, protestante. Dessa produção, destaca-se neste texto aquela a relativa ao conceito de romanização do catolicismo brasileiro que pode ser considerado como um conceito-chave para o entendimento das interações entre a Teologia da Libertação e a Nova História da Igreja que foi ensaiada, gestada e divulgada, principalmente, nos artigos da REB.

Foi ainda no ano de 1973 que Hoornaert expôs na REB o projeto de escrita de uma nova história da Igreja pautado nos princípios da CEHILA: uma interpretação a partir dos pobres em conformidade com as deliberações da Conferência de Medellín (CALIMAN, 2011; LIBANIO, 2011) e em consonância com as metodologias científicas da história acadêmica no conjunto das ciências humanas (BEOZZO, 2001; MANOEL, FREITAS, 2006; ALBUQUERQUE, 2007). O redator-chefe da REB à época era frei Leonardo Boff que publicara então um dos livros fundadores da Teologia da Libertação: *Jesus Cristo Libertador, ensaio de Cristologia crítica para nosso tempo (1972)*. E foi durante o período de Boff à frente da redação da REB que uma nova história da Igreja foi sendo gestada, testada e divulgada em artigos assinados principalmente por Eduardo Hoornaert, José Oscar Beozzo, Pedro Ribeiro de Oliveira, Riolando Azzi e Oscar Figueiredo Lustosa. Essa história renovada da Igreja, sustentada nos princípios da Teologia da Libertação, foi bem-sucedida e alterou a interpretação histórica da Igreja na América Latina, além de ter sido muito bem recebida na Europa, sendo reconhecida por Peter Burke, em seu livro *A Escrita da História: Novas Perspectivas (1992)*, como uma inovadora abordagem histórica.

2. Do conceito de *romanização* do catolicismo brasileiro

O conceito de romanização do catolicismo remete ao século XIX com a produção do livro *O Papa e o Concílio*, escrito em 1869, por Janus, pseudônimo atribuído ao padre e historiador alemão Johann Joseph Ignatz von Döllinger (1799-1890), crítico severo do que considerava então como movimento de imposição doutrinária de um catolicismo papista sobre todas as igrejas por ocasião do reconhecimento do dogma da infalibilidade papal durante o inconcluso primeiro Concílio do Vaticano (1869-1870). Ainda no final do século XIX, esse livro de von Döllinger foi traduzido por Rui Barbosa integrando a palavra romanização ao vocabulário brasileiro. Mas, foi só nos anos 1960 e 1970 que esse conceito despontou analiticamente, sobretudo pelas abordagens empregadas pelos pesquisadores vinculados ao grupo CEHILA-Brasil.

Sobre a repercussão desse conceito e da produção historiográfica do grupo CEHILA-Brasil vale lembrar que em 1990, por exemplo, foi publicado na Itália o livro *La Chiesa e la Società Industriale (1878-1922)*, sob a direção dos pesquisadores Elio Guerriero e Annibale Zambarbieri, com a intenção de apresentar uma história da Igreja desde novas abordagens e métodos. Para explicar as repercussões da imigração europeia do período no âmbito eclesiástico, esses autores utilizaram um conceito criado e consolidado pela historiografia brasileira: o conceito de *romanização* do catolicismo. Assim, lê-se: “Questo processo di progressiva ‘romanizzazione’ è stato rafforzato dall’invio di congregazioni e sacerdoti dall’Europa” (GUERRIERO, ZAMBARBIERI, 1995, p. 516-7). Nas referências bibliográficas esses autores italianos indicam a produção do padre e historiador brasileiro José Oscar Beozzo, um dos principais realizadores da proposta de uma história renovada da Igreja no Brasil, envolvido com o importante projeto da CEHILA que resultou na publicação em 1977 e em 1980 de dois volumes sobre a história da Igreja no Brasil, do século XVI ao século XIX.

Muito significativamente, em 1991, o renomado historiador Peter Burke, como mencionado, publicou importante livro acerca das novas perspectivas da produção historiográfica que foi traduzido e publicado no Brasil no ano de 1992, pela Editora da UNESP, sob o título *A Escrita da História*. No capítulo

inaugural, intitulado “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”, Burke buscou traçar as linhas de força da nova história em seis pontos. O terceiro deles consistia na preocupação dos historiadores “com a ‘história vista de baixo’, em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social” (BURKE, 1992, p. 13). E nesse ponto ele exemplifica: “Os historiadores da Igreja estão começando a estudar sua história vista tanto de baixo, como de cima” (BURKE, 1992, p. 13). Ao final dessa afirmação o historiador britânico remete o leitor para uma nota de rodapé onde se encontra como referência ímpar desse fenômeno o livro *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo* (1977), produzido sob a direção de Eduardo Hoornaert, primeiro volume de uma obra historiográfica que contava com a ativa participação de Riolando Azzi e José Oscar Beozzo.

Essas duas importantes menções internacionais repercutiram o bem-sucedido projeto desenvolvido pelos integrantes da CEHILA-Brasil especialmente quanto ao conceito de *romanização* do catolicismo que balizou interpretações históricas apresentadas em textos de publicações referenciais, como os capítulos “A Igreja na Primeira República”, de Sérgio Lobo de Moura e José Maria Gouvêa de Almeida (2006), e “A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização”, de José Oscar Beozzo, publicados na clássica coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, respectivamente, nos volumes 9 (Brasil Republicano: sociedade e instituições – 1889-1930) e 11 (Brasil Republicano: economia e cultura – 1930-1964), do final dos anos 1970, bem como nos livros *A Igreja Paulista no Século XIX*, de Augustin Wernet, e *A Elite Eclesiástica Brasileira*, de Sérgio Miceli, publicados respectivamente nos anos de 1987 e 1988, ainda hoje considerados textos referenciais para se pensar historiograficamente as trajetórias da instituição católica no Brasil, além de capítulo sobre a Igreja no Brasil Colonial (HOORNAERT, 1990) publicado na prestigiada coleção *História da América Latina* de Leslie Bethell.

Essas remissões delineiam e demonstram a força interpretativa e o peso historiográfico alcançado pela produção desse grupo de historiadores da CEHILA-BRASIL, com ênfase no conceito de *romanização* do catolicismo. Nesse sentido, vale citar trecho de recente texto do experiente historiador

Fernando Torres-Londoño, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de História e de Ciência da Religião da PUC-SP, sobre a trajetória da história das religiões no Brasil, no qual considera que:

No âmbito acadêmico, as obras de Hoornaert, Beozzo, Azzi e outros [do grupo CEHILA] foram e em alguns temas continuam sendo referências obrigatórias para trabalhos acadêmicos sobre a introdução do Cristianismo nos povos indígenas, as irmandades, o Catolicismo popular, a atuação dos leigos, a romanização e o impacto do Concílio Vaticano II nas Igrejas da América Latina (TORRES-LONDOÑO, 2013, p. 225).

3. A nova história da Igreja, a Teologia da Libertação e o conceito de romanização do catolicismo brasileiro na REB

A Revista Eclesiástica Brasileira (REB), criada no ano de 1941, publicada pela Editora Vozes, da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), tornou-se, nos anos 1960 e 1970, como que uma incubadora de novas ideias e interpretações teológicas e históricas sobre a Igreja Católica no Brasil. Os editores de então contribuíram para tal. Foram eles: frei Boaventura Kloppenburg, entre 1953 e 1971; e frei Leonardo Boff, entre 1972 e 1986. A historiadora Solange Ramos de Andrade, que realizou estudos sobre a REB (ANDRADE, 2000), expôs um quadro das relações entre Boff e Kloppenburg:

Quando assumiu a redação da REB, Boff fazia doutorado em Munique e acabava de publicar o livro *Jesus Cristo Libertador*. Durante todo o período em que foi redator da revista, a tendência predominante foi a da Teologia da Libertação. A REB tornou-se palco de debates intensos sobre os livros escritos por Leonardo Boff, como também espaço de duras críticas a outros setores do clero, como no caso de Kloppenburg, considerado autoritário e retrógrado demais para os simpatizantes da Teologia da Libertação (ANDRADE, 2008, p. 90-91).

Assim, quando, em 1973, o conceito de *romanização* do catolicismo passou a ser utilizado na REB o seu redator-chefe era o então frei Leonardo Boff responsável por atrair e congregar padres historiadores associados aos ideais de construção de uma teologia propriamente latino-americana, conforme os estímulos da Conferência de Medellín (1968), consagrada com o nome de Teologia da Libertação. O conceito em tela fez sua aparição na REB em texto

do então padre Eduardo Hoornaert, de origem belga, sobre o projeto de produção de uma história da Igreja no Brasil no conjunto das atividades da recém-fundada CEHILA. Esta Comissão propunha uma nova escrita da história da Igreja no continente desde uma perspectiva externa à instituição eclesial. Buscava-se uma aproximação com as Ciências Sociais e com os novos modelos historiográficos proponentes de novos sujeitos e documentos históricos (BEOZZO, 2001, p. 384-389; COUTINHO, 2003, p. 67-68).

Então, depois de participar da reunião inaugural da CEHILA, em janeiro, Eduardo Hoornaert preparou um esboço do projeto aplicável ao Brasil e fê-lo publicar ainda na REB de março de 1973, na seção de Comunicações, sob o título *Para uma História da Igreja no Brasil*. O texto divide-se em três partes: 1. Uma opção necessária; 2. Projeto de periodização; 3. História da Igreja e Ação Pastoral. O conceito de *romanização* foi inscrito na segunda parte, especificamente no período entre 1808 e 1930, entendido no projeto como sendo o de reorganização da Igreja diante do estado liberal, para designar tanto o período quanto o processo. Nas palavras de Hoornaert (1973, p.129):

Temos a impressão que podemos com toda a razão falar de uma romanização, já que o período anterior (1500-1808) não é romano, senão indiretamente, e que Roma foi a primeira instituição a aproveitar amplamente das novas facilidades de comunicação entre a Europa e o Brasil: navios a vapor, correio mais rápido e mais seguro. Daí proveio o estabelecimento de uma nunciatura no Brasil, com grandes consequências para a instituição.

Em 1974, o professor Riolando Azzi publicou artigo sobre o movimento de reforma católica no Brasil do século XIX considerando, na esteira de J. Comblin (que escrevera sobre a Teologia da Revolução em 1970), a questão da europeização do catolicismo brasileiro desde a expressão “movimento romanista”. Para Azzi (1974, p. 649):

Durante os séculos XVIII e XIX os católicos da Europa se cindiam em dois grupos: os chamados católicos regalistas, galicanos ou jansenistas, que defendiam os interesses de uma igreja mais vinculada à sua nação, sob certa dependência do poder civil e com um cunho de ação marcadamente político, e os designados como católicos “romanos ou ultramontanos” que apregoavam uma adesão incondicional ao papa,

dentro de uma Igreja de caráter universal, mas sob a orientação exclusiva da Santa Sé.

No Brasil, a vinculação com Roma fora muito débil no período colonial, pela forma que a Igreja assumiu dentro do regime de Padroado. Mas a partir do século passado, especialmente por influência do novo espírito trazido pelos lazaristas, a Igreja do Brasil passa a proclamar sua adesão total ao Papa, tentando desvincular-se das poderosas malhas do padroado imperial. Esse cunho romanista que marca a renovação católica, representa uma opção consciente dos bispos reformadores.

Em 1975, o frade dominicano e historiador Oscar de Figueiredo Lustosa publicou o estudo *Separação da Igreja e do Estado no Brasil (1890)* e serviu-se do conceito de *romanização* para caracterizar as mudanças pelas quais passou a Igreja à época da Proclamação da República. Assim, de acordo com Lustosa (1975, p. 625):

a “romanização” ou maior centralização diretiva da parte de Roma, orientação mais rígida aos bispos quanto aos padres para o seu estilo de vida menos secularizado e quanto aos seminaristas para uma formação mais preocupada com os negócios meramente espirituais, afirmação maior de certos direitos da Igreja, por exemplo na questão de escolher vigários simplesmente *encomendados* (e não *colados*), facilitando assim a transferência e mobilização dos mesmos, a critérios dos mesmos.

Em 1976, a REB publicou, em março, volume dedicado ao catolicismo popular. O conceito de *romanização* apareceu em dois artigos do volume apresentando-se como contraponto ao catolicismo popular. Dois modelos distintos do catolicismo que estavam sob o crivo analítico dos teólogos da libertação.

Assim, Riolando Azzi (1976, p. 104) afirmou em *Elementos para a história do Catolicismo Popular* que: “É a partir da época imperial que progressivamente se fará a romanização da Igreja do Brasil, mediante as vinculações mais estreitas com a Santa Sé, sob a orientação dos bispos reformadores, com a colaboração de inúmeros religiosos de Congregações européias”.

O outro artigo traz pela primeira vez em texto da REB um título composto pelo conceito de *romanização*, trata-se de *Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro*, escrito pelo sociólogo Pedro A. Ribeiro de Oliveira. O artigo faz menção aos trabalhos de Roger Bastide e Ralph Della

Cava em interlocução com as produções de Riolando Azzi e José Oscar Beozzo (notas 1 a 3, 1976, p.131).

Oliveira (1976, p. 131) inicia o texto explicitando-lhe o propósito: “O objetivo deste artigo é mostrar como o processo de romanização do catolicismo brasileiro é ao mesmo tempo um processo de destituição religiosa do leigo. Tal processo teve seu maior impacto na segunda metade do século passado e nas duas primeiras décadas do século atual”. No final do artigo, Pedro de Oliveira (1976, p. 141) definiu o catolicismo resultante do processo de *romanização* da seguinte maneira:

Enfim, o catolicismo romano seria aquele conjunto de práticas e representações religiosas marcadas pela ênfase nos sacramentos, que, introduzido no Brasil por agentes especializados da instituição religiosa, configura-se como um catolicismo onde a figura central é o padre, ministro dos sacramentos e detentor do poder de falar em nome de Deus para toda a comunidade religiosa.

Em 1977, o padre e historiador José Oscar Beozzo publicou pela REB o artigo intitulado *Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada*. O texto saiu do prelo no mesmo ano de lançamento do primeiro volume da *História da Igreja no Brasil*, do projeto CEHILA, e do décimo volume da coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, dirigido por Bóris Fausto, contando com capítulo de autoria do próprio José Oscar Beozzo sobre a Igreja entre 1930 e 1950. No artigo da REB, Oscar Beozzo sustenta suas reflexões no conceito de *romanização* remetido, em nota, aos trabalhos de Roger Bastide, Ralph Della Cava e Pedro Ribeiro de Oliveira. Para Beozzo (1977, p. 743-745):

Uma das descobertas fundamentais do atual debate sobre a História da Igreja no Brasil é o aspecto crucial de que se revestem as transformações por que passou o país e a Igreja num curto período que vai de 1880 a 1920. [...] Já se tornou clássico chamar-se de “romanização” o processo a que foi submetida a Igreja do Brasil entre 1880 e 1920, processo que já encontra raízes na ação dos bispos reformadores, tendo à frente Dom Viçoso de Mariana, e que já se inicia praticamente em torno dos anos cinquenta. Este processo encontra sua contrapartida na decisão de Roma de cuidar melhor da América Latina, através de uma formação mais acurada e romana de seu clero e que se traduziu pela fundação em 1854 do Colégio Pio-Latino-Americano em Roma onde será formada boa parte do episcopado latino-americano das décadas posteriores.

José Oscar Beozzo define uma periodização operatória que considera de fundamental importância para o debate dos anos 1970 acerca da história da Igreja: 1880-1920. Essa periodização pode ser estendida, delimitando-se também entre 1850 e 1950. Beozzo designa esse período por meio do conceito de *romanização*. No excerto supramencionado aponta para a mudança imposta pela Santa Sé nas relações com as igrejas particulares e ao longo do artigo postula a tensão que se instala no catolicismo brasileiro envolvendo um tipo de catolicismo luso-brasileiro tradicional e outro romanizado.

Essa formulação de Beozzo pode ser considerada uma súmula do desenvolvimento do conceito de *romanização* do catolicismo explorado e estabelecido no discurso historiográfico brasileiro pelas publicações da REB nos anos 1970: *romanização* reúne a ideia de imposição de valores, doutrinas e comportamentos romanos/europeus à liturgia e à rotina institucional da Igreja Católica do Brasil; indica ainda os dispositivos de imposição desses valores e dessas práticas “romanas”, como as reformas do clero e do povo, e o atrelamento administrativo das instituições católicas brasileiras à Cúria Romana que geraram tensões e conflitos entre modelos distintos de catolicismo; designa também um período da história da Igreja Católica no Brasil, sobretudo entre os anos de 1850 e 1950, cujos efeitos deveriam ser combatidos em nome de uma concepção teológica libertadora fincada na experiência latino-americana e inspirada pelos ideais renovadores do Concílio Vaticano II e de seu mentor o papa João XXIII.

4. Considerações finais

O conceito de *romanização do catolicismo* como estabelecido nos anos 1970 nos artigos da REB é indicativo de algo que está para além da língua (KOSELLECK, 1992): aponta para as tensões entre diferentes teologias e eclesiologias no interior do catolicismo brasileiro desde a perspectiva da Teologia da Libertação, comungada por Boff, Hoornaert e Beozzo, em um ambiente historiográfico propício a novas abordagens, novos objetos e novos problemas. Para eles a *romanização* destituiu o padre e o leigo de sua

autonomia, além de desfigurar o catolicismo luso-brasileiro enraizado no cotidiano sofrido do povo. Mas, não se advoga pelo retorno do catolicismo popular, também ele considerado alienante. Prega-se um catolicismo libertador do jugo do pecado individual, mas, sobretudo do pecado social responsável pela fome e pela miséria, pela tortura e pela intolerância, pela ignorância e pela reificação dos sujeitos. A libertação seria resultado de uma práxis cristã. A leitura da fé como leitura de mundo, a leitura do mundo como leitura de fé. A análise sócio-histórica deve ser considerada como uma das fontes para essa nova teologia católica libertadora, agregada à Sagrada Escritura, à Tradição e ao Magistério.

Embalados pela Conferência de Medellín (CALIMAN, 2011), por uma Nova História da Igreja na Europa (AUBERT, HAJJAR, 1976) aproximada das ciências humanas, bem como pelas ideias de uma Teologia Libertadora, formuladas destacadamente por Gustavo Gutierrez e Leonardo Boff, os integrantes da CEHILA, reunidos em 1973 na cidade de Quito, sob a direção de Enrique Dussel, desenvolveram uma interpretação da Igreja sobre novas bases: de um lado, a aproximação com as ciências humanas, na utilização de abordagens, conceitos, teorias e métodos; de outro, a interpretação da história da Igreja desde uma Teologia Libertadora com ênfase no protagonista eclesial determinado pela Conferência de Medellín – os pobres, o povo. Essa interpretação, entretanto, deveria ser coerente com os princípios estabelecidos, isto é, seria uma interpretação engajada. A nova leitura da história da Igreja seria parte de uma luta contra o colonialismo, econômico e religioso, continuamente renovado ao longo da história latino-americana. Seria também uma Nova História da Igreja, mas distinta da europeia porque correspondente à realidade social e religiosa da América Latina. Retrospectivamente, enfim, pode-se considerar que essa Nova História da Igreja tornou-se, pela inovação de sua perspectiva analítica, a expressão mais bem-sucedida da Teologia da Libertação nos meios acadêmicos e teológicos.

5. Referências

ALBERIGO, Giuseppe. O Concílio Vaticano I. In: ALBERIGO, Giuseppe. (Org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995, p. 367-392.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. A história das religiões. In: USARSKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 19-52.

ANDRADE (DAVID), Solange Ramos de. **O Catolicismo Popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)**. Tese (Doutorado em História). FCL-Assis-UNESP, 2000.

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica no Brasil a partir da Revista Eclesiástica Brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, PR, ANPUH, Ano I, n. 02, p. 78-117, 2008.

AQUINO, Maurício de. Romanização, historiografia e tensões sociais: o catolicismo em Botucatu-SP (1909-1923). **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 8, n. 2, maio-agosto 2011. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF26/Artigo_5_Mauricio_de_Aquino.pdf

AQUINO, Maurício de. O conceito de romanização do catolicismo brasileiro e a abordagem histórica da Teologia da Libertação. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciência da Religião**, PUC-MG, v. 11, p. 1485-1505, 2013.

AUBERT, Roger; HAJJAR, Joseph. **A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno**. Tradução de Pedro P. S. Madureira e Júlio C. Guimarães. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976. [Nova História da Igreja; t.III; v. 5]

AZZI, Riolando. Elementos para a História do Catolicismo Popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 36, n. 141, p. 95-130, março 1976.

AZZI, Riolando. O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v.34, n. 135, p. 646-662, março 1974.

AZZI, Riolando; VAN DER GRIJP, Klaus. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo. Terceira Época – 1930-1964**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARBOSA, Rui. Introdução do tradutor. In: JANUS. **O Papa e o Concílio**. Tradução de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo Editores, 1877, p. I-CCLXXXV.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Bóris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano, v.4: economia e cultura (1930-1964)**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 273-341.

BEOZZO, José Oscar. Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 37, n. 148, p. 741-758, dez 1977.

BEOZZO, José Oscar. Os resultados da discussão historiográfica na CEHILA. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). **História das Religiões no Brasil**: volume 1. Recife: Ed. UFPE, 2001, p. 372-409.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**: ensaio de Cristologia crítica para nosso tempo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CALIMAN, Cleto. Igreja, Povo de Deus, sujeito da Comunhão Eclesial. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 09, n. 24, p. 1047-1071, dez. 2011.

COUTINHO, Sérgio R. Para uma história da Igreja no Brasil: Os 30 anos da CEHILA e sua contribuição historiográfica. In: SIEPIERSKI, Paulo D.; GIL, Benedito (orgs.). **Religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 67-85.

DUSSEL, Enrique (org.). **Historia liberationis**: 500 anos de história da Igreja na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1992.

DUSSEL, Enrique; GUTIERREZ, Gustavo; BEOZZO, José Oscar *et al.* **História da Teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1981.

GUERRIERO, Elio; ZAMBARBIERI, Annibale (a cura di). **La Chiesa e la Società Industriale (1878-1922)**. 3.ed. Milano: Edizioni San Paolo, 1995.

HAUCK, João Fagundes et al. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda Época – Século XIX. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. [1980]

HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira Época – Período Colonial. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. [1977]

HOORNAERT, Eduardo. La Iglesia Católica en el Brasil Colonial. In: BETHELL, Leslie (Ed.). **Historia de América Latina** (Vol. 2: América latina colonial en los siglos XVI, XVII e XVIII). Barcelona: Editorial Crítica, 1990, p. 208-220.

HOORNAERT, Eduardo. Para uma História da Igreja no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 33, n. 129, p. 117-138, março 1973.

JANUS. **O Papa e o Concílio**. Tradução de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo Editores, 1877.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Transcrição e tradução de Manoel Luís Salgado Guimarães. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.134-146, 1992.

LACOMBE, Américo Jacobina. **A obra histórica do padre Hoornaert**. Rio de Janeiro: Agir: Brasília: INL, 1983.

LIBANIO, João Batista. Editorial. 50 Anos do Concílio. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 09, n. 24, p. 958-962, dez. 2011.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Separação da Igreja e do Estado no Brasil (1890): uma passagem para a Libertação. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 35, n. 139, p. 624-647, setembro 1975.

MANOEL, Ivan Aparecido; FREITAS, Nainora M. B. de (orgs.). **História das Religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

MENOZZI, Daniele. La Chiesa Cattolica. In: MENOZZI, Daniele;FILORAMO, Giovanni (a cura di). **Storia del Cristianesimo: L'Età Contemporanea**. 3.ed. Bari: Laterza, 2009, p. 129-257.

MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MOURA, Sérgio Lobo de; Almeida, José Gouvêa de. A Igreja na Primeira República. In: FAUSTO, Bóris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano: Sociedade e instituições (1889-1930)**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 348-370.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v.36, n. 141, p. 131-141, março 1976.

SANTIROCCHI, Ítalo. Uma questão de revisão de conceitos – romanização, ultramontanismo, reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, UFMG, v.2, n. 2, p. 24-33, ago-dez. 2010.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. História das Religiões. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013, p. 217-229.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)**. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 2007.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX: A Reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987.